

O Milagre da Multiplicação

E comeram todos e saciaram-se, e levantaram dos pedaços que sobejaram doze cestos cheios, Mateus 14.20.

PR. RUDNEI MARQUES

O ano é 29 da Era Cristã, mais precisamente no mês de abril. O lugar é Betsaida, uma cidade da província da Galiléia, em Israel, que ficava a pouco mais de 145 quilômetros ao norte de Jerusalém. A estação é a primavera e nos aproximamos da mais

importante festa dos judeus, a Páscoa.

Um rapaz simples e um tanto desprezível se aproxima de sua mãe e lhe diz que pretende conhecer certo judeu, da província da Galiléia. Alguém que está causando um verdadeiro reboliço na sociedade, não só dentro, mas também fora de Israel. Alguém que é amado por uns e odiado por outros

e, àquela altura, absolutamente ninguém ficava neutro com relação a ele.

Com certeza preocupada com seu filho, a mãe preparou um simples lanchinho para a caminhada e então, ele parte em busca de seu sonho, conhecer quem era aquele homem de quem muito se falava, que só fazia o bem a todos, além é claro, de lhes ensinar coisas que jamais aprenderam com seus líderes religiosos.

Este rapaz talvez tenha sido tomado pela curiosidade ou, quem sabe, pela necessidade de algum milagre também. A questão é que ele está disposto a ir conhecer o Nazareno e então parte em busca da realização de seu sonho. Inexperiente no quesito acompanhar multidões, querendo por certo um lugar estratégico, bem posicionado para ficar o mais próximo possível do Mestre, se vê meio que perdido em

meio a tanta gente. Devia ter ali aproximadamente umas quinze mil pessoas. O dia já não estava tão claro como quando o rapaz saiu de casa.

Depois de ensinar à multidão, Jesus observa que todos estão cansados e precisam se alimentar para retornarem às suas casas, pois este Rabi sempre teve por princípio nunca despedir vazio o que se achega a ele. Aproximam-se dele então seus discípulos e lhe dão um conselho, dizendo que o dia está muito avançado, o lugar é deserto e por isso não tem comércio por perto e, possivelmente, ouviram crianças chorando querendo se alimentar. E dão logo a sentença: despede a multidão! O Mestre muito sensibilizado lhes retruca dizendo: "Não é necessário que vão; dai-lhes vós de comer".

Aproxima-se do Mestre então André e diz ter encontrado ali um rapaz que tinha cinco pães

e dois peixinhos, mas logo trata de demonstrar obstáculo ao perguntar o que isto representaria para tanta gente! O rapaz vai ao encontro de Jesus, por certo tremendo, e lhe apresenta o seu bocadinho que sua mãe lhe preparara e com aquele lanchinho, o Mestre alimenta todos que ali estavam.

Ele partiu de casa apenas para ver o Nazareno, sem saber que entraria para a história do ministério terreno de Cristo como o rapaz dos cinco pães e dois peixinhos. Com isto, aprendemos uma importante lição que se sustenta em nossos dias: Todo aquele que se dispõe a ir conhecer o Rabi, não apenas o vê, mas torna-se participante dos milagres do ainda muito aclamado e meigo Jesus, o Nazareno. ■

Pr. Rudnei Marques é Secretário da AD Volta Redonda, Bacharel em Teologia e Professor do IBE – Extensão Volta Redonda.

“Ele partiu de casa apenas para ver o Nazareno, sem saber que entraria para a história do ministério terreno de Cristo como o rapaz dos cinco pães e dois peixinhos.”

O Cristão e a Filosofia

PR. CÉSAR PEREIRA ROZA DE MELO

Quando falamos deste assunto, uma das perguntas nevrálgicas é sobre a utilidade da filosofia para o cristão no mundo hodierno. Para isso, faz-se jus concentrar a atenção em algumas questões no que tange às lições aprendidas no passado.

Ao analisarmos a história, verificamos o caráter incompleto dos sistemas filosóficos, sendo assim, seria um erro adotarmos um só grupo de ideias filosóficas ao ponto de excluir as demais. Temos que ter um olhar mais crítico em nossa avaliação de todas elas.

Um outro perigo é de se aliar a fé cristã por demais estritamente com qualquer sistema filosófico individual. Tal perigo, tem pelo menos dois aspectos. De um lado, a fé cristã precisa ser manipulada para fazê-la encaixar-se. Por outro lado, quando alguma falha é detectada no sistema, dá-se a impressão de que a fé cristã deve entrar em colapso juntamente com o sistema com a qual fora ligada.

Por mais que seja repulsado, sempre tem havido uma pessoa ou outra que tem procu-

rado trazer de volta a teologia natural. Sobre a teologia natural, cinco pontos devem ser observados. (1) Os argumentos racionalistas tradicionais para a existência de Deus não são convincentes. (2) A teologia natural abriu a porta a todos os tipos de especulações que tiveram o efeito de obscurecer o Evangelho Cristão. (3) A teologia natural no sentido de um conhecimento coerente de Deus e seu relacionamento com o mundo sem apelar à revelação cristã é um beco sem saída. (4) Seria interessante investigar com mais detalhes o argumento em prol de um novo tipo de teologia natural à luz do conceito de Van Til e Shaeffer que dizem que o universo em geral e a vida humana em particular têm verdadeiro sentido somente segundo as premissas cristãs. (5) é suposto que a filosofia da religião cristã fosse sinônimo da teologia natural, mas permanece a possibilidade de que a filosofia da religião cristã deve ser elaborada na base da revelação cristã e na experiência de Deus do cristão praticamente.

Um outro fator a ser observado é a revelação e a história. Devemos olhar a revelação como auto-divulgação relevante de Deus e que o lugar exato

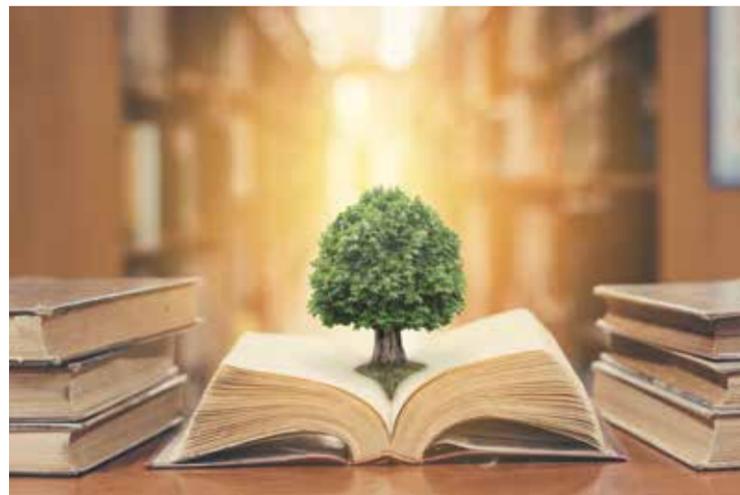
principal é a experiência pessoal de Deus em Cristo, interpretada pela Palavra de Deus nas Escrituras. A questão da revelação é um ponto nevrálgico para a fé cristã e por isso requer uma investigação mais rigorosa.

A necessidade desta investigação leva-nos a entender o valor tríplice da filosofia para a cristandade. Vejamos:

Em primeiro lugar a filosofia é como uma forma de exercício intelectual. A filosofia sempre procura saber “o que é?”. A partir desta pergunta começa a formar certos argumentos. Temos que entender que tal exercício não se constitui um fim em si mesmo, mas um meio para atingir maior capacidade naquilo que se propõe.

O estudo da história da filosofia, em segundo lugar, deve ser visto como um exercício de navegação. Este estudo ajuda as pessoas a se: 1) localizarem e saberem onde estão; 2) para aonde as ideias do conhecimento nos levará; 3) ajudar a ver o cristianismo em perspectivas diferentes.

Em último lugar, precisamos entender que é com esta questão de validade que a filosofia da religião se ocupa, e que dá a matéria, a sua importância. Dentro deste tópico, temos



que fazer a diferenciação entre forma e conteúdo. A forma, por sua vez, investiga o ensino da Bíblia à luz das suas origens históricas, enquanto que o conteúdo procura jungir os diferentes fios dos ensinamentos bíblicos para nos ajudar a decidir qual é o conceito bíblico desta ou daquela questão na sua totalidade.

Stott, em seu livro “Crer é também Pensar” nos mostra que existe uma razão em nossa fé, não é uma fé cega, alicerçada em inverdades, mas que tem um apoio na verdade, aquela verdade que é a essência absoluta das coisas. Quando somos contestados e confrontados pela razão da nossa fé, temos a oportunidade de crescermos em argumentos, opiniões e na

fé. O apóstolo Pedro nos disse que devemos estar preparados para responder qualquer um sobre a esperança que habita em vós (1 Pe 3:15).

Em sua forma, a filosofia da religião procura aquilatar os prós e os contras, levando-nos a examinar a própria fé cristã para vermos a sua veracidade. Porém, o seu conteúdo é o nosso relacionamento com Deus. Diante disso, concluímos que a tarefa mestra da filosofia da religião é a análise descritiva e crítica do ato, do conteúdo e das pressuposições da crença. ■

Pr. César Pereira Roza de Melo é Bacharel em Teologia, Vice-presidente da AD do Campo de Planaltina-DF DF e pastor dirigente da Congregação da IADM - Granja do Torto.